

O que é ideia?

G. W. Leibniz

GP VII, 263 (1678)

Antes de tudo, com o termo “ideia” designamos algo que está em nossa mente. Em consequência, as impressões deixadas no cérebro não são ideias, pois admito como completamente certo que a mente é diferente do cérebro ou da parte mais sutil da substância do cérebro.

Agora, em nossa mente há uma grande multiplicidade, a saber, pensamentos, percepções, afetos, que reconhecemos não serem ideias, embora não possam existir sem ideias. De fato, para nós, *a ideia não consiste em um ato de pensamento, mas em uma faculdade*, e diz-se que temos uma ideia de alguma coisa, embora não estejamos pensando nela, se podemos pensar nela sempre que surgir a ocasião.

Mas também aqui existe certa dificuldade, pois temos a faculdade remota de pensar em tudo, até naquilo de que talvez não tenhamos ideias, porque temos a faculdade de recebê-las. Portanto, a ideia postula certa faculdade próxima ou facilidade de pensar na coisa.

Mas nem isso é suficiente, pois quem possui um método pode chegar à coisa, se seguir esse método, embora não tenha uma ideia da coisa. Por exemplo, se enumero em ordem as seções do cone, é certo que chegarei ao conhecimento das hipérboles opostas, embora ainda não tenha uma ideia delas. É necessário, portanto, que haja algo em mim que não só conduza à coisa, mas que também a expresse.

Diz-se que expressa uma coisa aquilo em que há relações (*habitudines*) que correspondem às relações da coisa que vai ser expressa. Mas essas expressões são variadas, por exemplo, as medidas da máquina expressam a própria máquina, a projeção da coisa sobre um plano expressa o sólido, o discurso

expressa pensamentos e verdades, os signos (numéricos) expressam números, a equação algébrica expressa círculos ou outras figuras. E o que todas essas expressões têm em comum é que, apenas pela contemplação das relações daquilo que expressam, podemos chegar ao conhecimento de propriedades que correspondem à coisa que será expressa. Daí resulta evidente que não é necessário que aquilo que expressa seja igual à coisa expressada, desde que conserve alguma analogia nas relações.

É

evidente que algumas expressões têm seu fundamento na natureza, mas que outras se baseiam, pelo menos parcialmente, em uma convenção (*arbitrio*), como, por exemplo, as expressões manifestadas por palavras ou caracteres. As que se baseiam na natureza pressupõem já alguma semelhança, como a que existe entre o círculo e a elipse que o representa visualmente, pois qualquer ponto da elipse corresponde a algum ponto do círculo, segundo uma lei determinada. Inclusive, neste caso, o círculo estaria mal representado por outra figura mais parecida. Da mesma forma, todo efeito completo representa a causa plena, pois, por meio do conhecimento desse efeito, sempre posso chegar ao conhecimento de sua causa. Assim, as ações produzidas por alguém representam sua alma, e o próprio mundo representa, de certa forma, Deus. Pode até acontecer que tudo o que provém da mesma causa se expresse mutuamente, como, por exemplo, o gesto e a conversa. Assim, alguns surdos que falam entendem não pelo som, mas pelo movimento da boca.

Portanto, afirmar que a ideia das coisas está em nós não é mais do que sustentar que Deus, autor ao mesmo tempo das coisas e da mente, imprimiu nela aquela faculdade de pensar de tal modo que pode obter, por meio de suas operações, tudo o que corresponde perfeitamente ao que surge das próprias coisas. E assim, embora a ideia de um círculo não seja igual ao círculo a que se refere, podem ser obtidas verdades que a experiência confirmará sem dúvida no verdadeiro círculo.